

ACCIÓN DIRECTA ANARQUISTA: UNA HISTORIA DE FAU

Alex Buzeli Bonomo*

MECHOSO, Juan Carlos. *Acción directa anarquista: una historia de FAU*. Montevideo, Recortes, 2002, 511 p.

Organizações anarquistas na América do Sul depois dos anos 1930 que ainda interferissem significativamente na realidade de seus países são quase desconhecidas. Militância social objetivando a revolução social global que apresente como base a luta de classes foi-se tornando cada vez menos freqüente nas últimas décadas entre os anarquistas. Se existiram alguns movimentos anarquistas depois dos anos 1930, mesmo assim com expressão limitada, sobretudo após 1968, foram em sua maioria de cunho mais comportamental e cultural do que baseados nas lutas dos anarquistas que pisaram pela primeira vez os territórios sul-americanos, que, com suas lutas, suportando as mais terríveis repressões, forjaram dia após dia muitas das conquistas trabalhistas (e não só trabalhistas) que se mantêm até hoje em nosso continente.

A importância de um livro sobre a Federação Anarquista Uruguaia reside justamente na peculiaridade de seu estudo. Uma federação que retoma preceitos básicos do bakuninismo, do anarco-comunismo organicista de Malatesta, do classismo do anarco-sindicalismo e da ação armada da Federação Anarquista Ibérica (FAI) e anarquistas expropriadores do Rio da Prata, e faz uma atualização desses elementos levando em conta as particularidades da formação social histórica do Uruguai e da conjuntura sob a qual se atuava, fazendo com que elementos “tradicionais” do anarquismo se revitalizassem e ganhassem força num dos piores períodos do Uruguai para as organizações políticas de esquerda (penso, sobretudo, na “ditadura constitucional” e na ditadura militar).

Talvez a FAU tenha sido a única organização anarquista a manter significativa importância entre os agrupamentos de esquerda na América do Sul após os anos 1930, chegando a polarizar o movimento sindical/social com o Partido Comunista Uruguaio através de suas tendências, Tendência Combativa (nos sindicatos) e Resistência Operário Estudantil (ROE), nos sindicatos, movimentos comunitários e estudantis. Veja bem, polarizar não

é ser majoritária, é simplesmente organizar um setor de agrupações que não concordava com o reformismo legalista do PCU em uma época na qual a repressão era a regra e as “Medidas de Seguridad” colocavam na clandestinidade um amplo setor de organizações que preconizavam a utilização da luta armada para transformar a realidade, mesmo que possuíssem diferentes concepções do que seria esta luta armada.

Nesse sentido, o livro de Juan Carlos Mechoso ajuda a responder a uma série de indagações sobre o declínio da influência da prática social dos anarquistas nos processos revolucionários latino-americanos e também qual foi a especificidade da FAU para que essa organização continuasse influenciando as lutas revolucionárias no Uruguai.

Juan Carlos Mechoso é membro da Federação Anarquista Uruguiaia (FAU) e participou de sua história desde a comissão de trabalhos preparatórios para a fundação da federação em 1955. Foi militante sindical na Federação Autônoma da Carne, no Sindicato de Artes Gráficas e foi ativista comunitário do Cerro e La Teja. Cumpriu diversas tarefas na FAU, entre elas a de responsável pelo aparato armado, a Organização Popular Revolucionária-33 Orientais (OPR-33). Sua trajetória na FAU levou-o a escrever esse livro.

Como outros estudos de militantes, este possui alguns problemas. O primeiro é o da própria periodização do livro. Há uma explicação, na introdução, que mostra em parte essa escolha. O objetivo inicial era o de escrever a história do movimento anarquista no Uruguai, tarefa à qual se dedica Mechoso. Com o andar da pesquisa, o autor se deu conta do volume de trabalho que tinha pela frente e que escrever a história do movimento anarquista uruguaio antes dos anos 1950 seria muito mais demorado do que seus planos iniciais. O trabalho ao qual se propôs fora o de estudar quatro períodos da história do anarquismo uruguaio: o primeiro, de 1870-1949, o segundo, de 1950-1964, o deste livro, de 1965-1973 e, finalmente, o período 1974-1976. A discussão sobre a importância de se lançar esse livro para a FAU, hoje, condicionou a inversão da ordem da pesquisa e a escolha da priorização do período de 1965-1973. Dissemos que esta justificativa explica em parte a periodização, pois, a nosso ver, existem razões subjacentes para essa escolha que não são explicitadas pelo autor. Entre elas, devemos ressaltar que, ao escolher este período, ficam de fora algumas questões polêmicas da FAU, como os debates internos que culminaram na saída de uma parcela dos anarquistas em 1964, fundadores em seguida, da Ação Libertária Uruguiaia (entre os quais se encontra Luce Fabri) ou quando a FAU fundou, junto com outros setores da esquerda uruguaia, no auto-exílio Argentino em 1976, o Partido da Vitória do Povo (PVP), ficando com quase toda a direção, pois era a organização mais estruturada organicamente e ainda contava com quase dez milhões de dólares que obteve em um seqüestro, já na Argentina, em 1974. Mechoso sequer faz referência a esses episódios.

Ao evitar períodos polêmicos da história da organização observamos a presença de uma preocupação de fazer propaganda de posicionamentos, análises e concepções que nortearam a FAU no período em que ela mais cresceu e influenciou a realidade uruguaia. Discussões acerca da “Síntese” (tentativa de aproximação de uma análise teórica marxista com o projeto político anarquista), por exemplo, ocupam apenas três páginas do livro. Ao evitar essa discussão, não se questionam problemas que foram importantes para a organização visando o não comprometimento do trabalho militante atual.

Na introdução, recorre-se a uma série de fatos que se passaram na história do anarquismo uruguaio e mundial, como a fundação da Federação Operária Regional Uruguaia, a primeira greve geral, alguns conflitos grevistas importantes, etc. Procedeu-se à descrição do que era a Aliança da Democracia Socialista de Bakunin, o partido de Malatesta, sem existir um aprofundamento de cada concepção e sem ficar claro qual foi o processo que levou a FAU a adotar certos posicionamentos no anarquismo e abandonar outros. A transcrição de alguns dados econômicos do Uruguai do final do século XIX fica sem sentido se não há uma preocupação explicativa, fica por conta do leitor deduzir a razão pela qual esses dados são citados. Essa introdução poderia inexistir, sem maiores prejuízos para a obra, excetuando-se alguns esclarecimentos importantes em relação aos pressupostos do autor ao realizar esse estudo como, por exemplo, a temática deliberadamente militante da obra.

Os outros capítulos possuem uma estrutura similar entre si e diferente da introdução. Há uma organização cronológica em que se faz a discussão ano a ano dos acontecimentos mais importantes com os quais a FAU esteve envolvida, buscando resgatar as opiniões da federação a respeito das diferentes conjunturas e temáticas em seus próprios documentos. Por isso, não podemos estranhar o fato de alguns documentos tomarem várias páginas do livro sequencialmente. Em suas considerações finais Mechoso explica este procedimento: *“Hemos tratado de documentar hasta donde fue posible la historia de este período de FAU. Nos interesaba que fueran documentos más que opinión sobre documentos. Así el lector podría sacar sus propias conclusiones”* (p. 51).

Além dos documentos, encontramos memórias do autor, entrevistas com antigos militantes e imagens de algumas fontes utilizadas na pesquisa, desde documentos até organograma da parte militar da organização.

Chamam-nos a atenção também algumas passagens do livro que ganham relevância por ser um livro feito por militante. Por exemplo, há o relato da morte de militantes com quem o autor conviveu; da explosão nos fundos de sua casa, no momento em que estavam sendo preparadas algumas bombas, onde seus filhos foram atingidos, sendo hospitalizados. Nesse momento, sentimos a angústia e a preocupação do autor, que viveu boa parte

deste período na clandestinidade, longe de seus filhos, foi torturado e está há quase 50 anos na FAU.

No livro encontramos, de forma não organizada, a concepção de organização da FAU, determinada através de sua estratégia política elaborada a partir da análise da realidade uruguaia: consistia na formação de um movimento de massas combativo político-social de caráter extra-eleitoral, a ROE. Lembremos que no Uruguai vivia-se sob uma “ditadura constitucional”, e aí as lutas sociais se radicalizavam mesmo contra a vontade do PCU. Além do nível de massas existiria um nível de ação armada, subdividido em ações de apoio direto ao movimento de massas, realizadas por um setor da FAU denominado Violência FAI, ações de caráter financeiro para sustentar a política da organização, ações ideológicas e ações estritamente militares, realizadas pela OPR-33. Sendo que atuação nos dois níveis seria harmonizada através da análise da realidade feita pela organização política (FAU), mantendo a compartimentação necessária para os níveis de atuação clandestina.

Essa obra padece de vários defeitos de produções feitas por militantes. Alguns deles nós já apontamos. Periodização própria, seleção dos fatos que mais interessam e até mesmo certa falta de rigor, tanto na introdução, com descrições pouco aprofundadas, quanto ao longo do texto, quando, por exemplo, não se explica o significado de certas siglas (sindicatos, agrupações de esquerda) que podem ser claras para a militância e para os uruguaiois, mas não são familiares para todos nós.

Mas vale a contribuição fundamental da obra: a de nos mostrar que as organizações anarquistas possuem múltiplas formas de responder aos problemas colocados pela realidade e que, de acordo com cada resposta, é possível interferir ou se isolar das lutas revolucionárias, no caso específico da FAU, de nosso continente. Se é certo que existiram inovações no processo de organização da FAU, não menos certo é o fato de que pressupostos do anarquismo clássico (se é que isso faz algum sentido) foram retomados e reatualizados de acordo com o contexto histórico latino-americano dos anos 1960-1970. E só por nos mostrar essa experiência importante, desconhecida na América Latina, o livro já cumpriu o seu papel, pois, além do livro de Mechoso, só existe um estudo mais aprofundado sobre a FAU, a dissertação de mestrado de Ricardo Ramos Rugai, *O anarquismo organizado: as concepções e práticas da Federação Anarquista Uruguiaia (1952-1976)*; defendida no IFCH/Unicamp, em 2003.

Recebido em março/2006; aprovado em maio/2006.

Nota

* Mestrando pela PUC-SP, sob orientação da Prof. Dra. Vera Lucia Vieira e possui bolsa da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.